



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA FAMÍLIA**

CARINA LIMA DA CRUZ SANTOS

**CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A
ORIENTAÇÃO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA**

CAMPINA GRANDE - PB

2023

CARINA LIMA DA CRUZ SANTOS

**CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A
ORIENTAÇÃO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica.

Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida.

Orientadora: Profa. Ma. Tatiana Oliveira De Carvalho.

CAMPINA GRANDE - PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Carina Lima da Cruz.
Contribuições da logoterapia e análise existencial para a orientação parental na adolescência [manuscrito] / Carina Lima da Cruz Santos. - 2023.
17 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.
"Orientação : Profa. Ma. Profa. Ma. Tatiana Oliveira de Carvalho., UNB - Universidade de Brasília."

1. Logoterapia. 2. Orientação parental. 3. Adolescência. I.
Título

21. ed. CDD 616.891

CARINA LIMA DA CRUZ SANTOS

CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A
ORIENTAÇÃO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica

Linha de pesquisa: Promoção à Saúde e Qualidade de Vida.

Aprovada em: 31/03/2023

BANCA EXAMINADORA

Tatiana Oliveira de Carvalho

Profa. Ma. Tatiana Oliveira De Carvalho (Orientadora)
Universidade de Brasília

Bruna Soares Pires

Profa. Ma. Bruna Soares Pires
Faculdade Maurício de Nassau

Hallyson Alves Bezerra

Prof. Me. Hallyson Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba

“Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida”.
(Viktor Frankl)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ADOLESCÊNCIA À LUZ DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL	6
3 FAMÍLIA NA ABORDAGEM LOGOTERAPÊUTICA	9
4 PARENTALIDADE COM SENTIDO	11
5 ORIENTAÇÃO PARENTAL CENTRADA NO SENTIDO	13
6 CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS	15
AGRADECIMENTOS	17

CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A ORIENTAÇÃO PARENTAL NA ADOLESCÊNCIA

CONTRIBUTIONS OF LOGOTHERAPY AND EXISTENTIAL ANALYSIS FOR PARENTAL GUIDANCE IN ADOLESCENCE

Carina Lima da Cruz Santos*

RESUMO

Este trabalho buscou identificar as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para a orientação parental no período da adolescência, fase de construção de identidade e mudanças, onde o relacionamento entre pais e filhos é permeado por muitos desafios. Foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura nacional e internacional sobre a Logoterapia, buscando compreender adolescência e família a partir da perspectiva logoterapêutica, e sobre os temas da parentalidade e orientação parental, com base em diferentes autores. Isso possibilitou o diálogo entre os fundamentos da Logoterapia e a orientação parental, de maneira a elucidar como a abordagem teórico-prática fundada por Viktor Frankl pode contribuir para enriquecer essa proposta de intervenção junto a pais de adolescentes. Cada ser humano, e, portanto, cada adolescente, é um ser único, e busca um sentido de vida pessoal, em uma trajetória existencial vivida com liberdade e responsabilidade em um processo de contínuo amadurecimento, cujos mediadores principais são seus pais e/ou cuidadores. Conclui-se que a orientação parental que parte dessa perspectiva, em um contexto cada vez mais complexo, como o atual, torna-se fundamental para favorecer o desenvolvimento saudável de adolescentes.

Palavras-Chave: logoterapia; adolescência; orientação parental;

ABSTRACT

This work sought to identify the contributions of Logotherapy and Existential Analysis for parental guidance in adolescence, the phase of identity construction and changes, where the relationship between parents and children is permeated by many challenges. A literature review of national and international literature on Logotherapy was carried out, seeking to understand adolescence and family from the logotherapeutic perspective, and on the themes of parenting and parental guidance, based on different authors. This enabled the dialogue between the foundations of Logotherapy and parental guidance, in order to elucidate how the theoretical-practical approach founded by Viktor Frankl can contribute to enrich this intervention proposal with parents of adolescents. Each human being, and therefore each adolescent, is a unique being and seeks a meaning of personal life, in an existential trajectory lived with freedom and responsibility, in a process of continuous maturation, whose main mediators are their parents

* Aluna do Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI, e da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*. E-mail: carinalcz@hotmail.com

and/or caregivers. It is concluded that parental guidance based on this perspective, in an increasingly complex context, such as the current one, becomes fundamental to favor the healthy development of adolescents.

Keywords: logotherapy; adolescence; parental guidance;

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, com o tema “Contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para a orientação parental na adolescência”, baseia-se nos principais aportes dessa abordagem, que possui como premissa básica a busca pelo sentido da vida, sendo este sentido a principal força motivadora do ser humano. A pesquisa tem como objetivo geral identificar as contribuições da Logoterapia e da Análise Existencial para a orientação parental na adolescência. Para alinhar o estudo aos resultados, foram traçados os seguintes objetivos específicos: discutir a compreensão de adolescência e de família à luz da Logoterapia e Análise Existencial; compreender como a orientação parental pode contribuir ao desenvolvimento de adolescentes no contexto atual; analisar articulações teórico-metodológicas que possibilitem subsidiar uma proposta de orientação parental na adolescência a partir da Logoterapia e Análise Existencial.

Para alcançar os resultados acerca do tema proposto, neste estudo foi desenvolvida uma revisão bibliográfica de literatura nacional e internacional, sobre os fundamentos da Logoterapia respaldada em Viktor Frankl, considerado o seu fundador. A pesquisa foi efetuada em fontes secundárias: livros, *sites* oficiais, dissertações, artigos e teses. Buscou-se, também, por periódicos publicados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e nos bancos de dados da *Scientific Electronic Library Online*/Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e *Google Acadêmico*, além da leitura e análise do material didático fornecido pela orientadora do trabalho.

Os artigos, teses e dissertações escolhidos abrangem o período de 2012 a 2022. Foram escolhidos dez artigos e seis livros dos seguintes autores: Viktor Frankl, Elisabeth Lukas, Joseph Fabrye e Clara Martinez Sanchez. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram: Logoterapia, Análise Existencial e orientação parental.

O trabalho está estruturado nos seguintes tópicos: inicialmente discute-se sobre a adolescência à luz da Logoterapia e Análise Existencial, depois aborda a temática família na abordagem logoterapêutica. Posteriormente, explana sobre a parentalidade com sentido, para em seguida desenvolver a discussão sobre a relevância da orientação parental centrada no sentido, e as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para a intervenção nesse campo de atuação junto a pais de adolescentes. O trabalho finaliza com considerações acerca dos principais resultados deste estudo e indicações de possíveis desdobramentos.

2 ADOLESCÊNCIA À LUZ DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

A fim de que se possa compreender a importância e as especificidades da orientação parental de base logoterapêutica, voltada para a fase da adolescência, faz-se necessário discutir como se compreende essa fase do desenvolvimento humano à luz da Logoterapia e Análise Existencial. Parte-se, aqui, da premissa de que todo ser humano é um ser indivisível, do começo ao fim da vida, apesar de ser constituído por múltiplas dimensões: biopsicoespiritual (SIMÕES; CARVALHO; AQUINO, 2022).

Para Frankl (2019), a dimensão espiritual é especificamente humana e, diferente das demais, é incondicionada, ou seja, não está sujeita aos condicionamentos biológicos, psicológicos e sociológicos. É a partir dessa dimensão, e de sua dinâmica própria, a noodinâmica, que a pessoa pode tomar uma livre posição perante a si mesma e às circunstâncias externas. De acordo com essa visão antropológica, entende-se que o homem é uma realidade toda particular, porque ele é um ser essencialmente espiritual, ou seja, existe uma dimensão fundamental que faz com que o ser humano seja um ser aberto, não fechado, e determinado por mecanismos biopsíquicos (AQUINO, 2015).

Alinhados a essa perspectiva antropológica, Griffa e Moreno (2008) apresentam diversas pesquisas a respeito do desenvolvimento humano, desde a vida pré-natal até a velhice. Diante de questionamentos, como “Por que o desenvolvimento humano segue um curso?”, ou “Como as pessoas chegam a ser o que são?”, os autores demonstram que as diferentes pesquisas e teorias ora tendiam a entender a atitude humana como consequência das estruturas anatômicas; ora consideravam que a convivência, em determinados contextos, podem impor um modo de ser; ora compreendiam que a conduta e o desenvolvimento humano são voluntários e livres. Contrapondo-se a essas posições ora deterministas, ora antideterministas ou indeterministas da Psicologia, os autores buscam compreender esses diferentes elementos – inatos, ambientais, livre vontade – como “fatores intervenientes”, ou seja, que intervêm no desenvolvimento humano, influenciando na formação e nas modificações da personalidade com o passar do tempo.

Assim, Griffa e Moreno (2008) definem os fatores intervenientes no desenvolvimento: 1) O dado: apreende a natureza, o que é herdado; 2) O apropriado: o que é adquirido, isto é, o sujeito começa a se constituir a partir do núcleo denominado “dado” e, através da apropriação do mundo, ou seja, do não-eu; 3) Autodeterminação: característica da livre vontade da pessoa. É pela contínua interação desses fatores que o ser humano vai se desenvolvendo. Desta forma, apesar de suas dimensões condicionadas, enquanto um ser aberto, movido por uma vontade de sentido que o lança para o mundo, o ser humano vai ampliando as suas possibilidades de autodeterminar-se à medida em que o seu psicofísico amadurece.

No que diz respeito à fase da adolescência, congruente a essa compreensão do desenvolvimento humano, Bruzzone (2011) defende que a adolescência não é puramente uma ocorrência biológica e psicológica investigada cientificamente. É, também, fundamentalmente, um fenômeno cultural, relacionado ao contexto étnico, histórico, linguístico e simbólico específico. Portanto, é assegurado que quando se fala em “crise” na adolescência, refere-se ao fato de que o mundo dos adolescentes sofre mutações rapidamente, tomada de decisões importantes e, às vezes, irreversíveis. Não se trata, portanto, de algo qualitativamente diverso do que deveriam ter, de modo que todos os dias, adultos nunca param de enfrentar a “crise”. Contudo, para este autor, a adolescência é a etapa em que diferentes formas de lidar com a crise são expressadas, assim como os modos e estratégias aprendidas nessa idade, possivelmente, poderão ser mantidos ao longo do tempo.

Aquino (2015) assegura que essa fase da vida costuma ser um momento crítico da existência, e questões a respeito da busca de sentido começam a emergir e, muitas vezes, essa busca é frustrada, sem resposta. Diante da perda de perspectiva do futuro, jovens procuram compensar nos prazeres imediatos, apresentando comportamento de risco, podendo se tornar vulneráveis à ingestão de substâncias psicoativas e apresentar pouca tolerância à frustração, assim como comportamentos agressivos e, até mesmo, o suicídio.

De acordo com Griffa e Moreno (2011), a adolescência é uma etapa da vida que é dividida em três fases: 1. a adolescência inicial; 2. a adolescência média; 3. é a adolescência final. Os autores ainda apresentam as características concernentes a cada uma delas, sendo que em algumas situações, são feitas diferenças quanto ao sexo masculino e feminino. Conforme

estes pesquisadores, na adolescência inicial, denominada também de “baixa puberdade”, acontecem várias transformações, como o tamanho e a forma do corpo, aumentando a necessidade da pessoa se transformar em adulta, e as cobranças para fazê-la.

Já na adolescência média, segundo Griffa e Moreno (2011), a pessoa se volta para o sexo oposto, compõe grupos heterossexuais de amigos, participa de atividades para se aproximar de outros sexos (festas, esporte etc.), começa o distanciamento afetivo da família, o jovem se liga fielmente ao grupo formado por seus pares concordando com as suas normas, costumes, às exigências de ser leal aos líderes e à “ideologia” do grupo. Na área afetiva é um período de ambivalências, vacilações e contradições, frequente confusão e descontrole. Essa é uma fase em que se acentua a busca de sentido da vida, a descoberta de valores e a preocupação ética.

Na adolescência final, continuam Griffa e Moreno (2011), consideram-se variáveis psicológicas, como a identidade e a aptidão de estabelecer vínculos de identidade. Assim sendo, pode-se dizer que as principais aquisições da adolescência comumente são atingidas entre 16 e 18 anos. É o período de consolidação e ensaio de modos de vida e de relacionamentos com os demais, favorecendo a afirmação positiva de si mesmo. Esta etapa favorece a aquisição de uma consciência de responsabilidade, de uma relação com o próprio futuro, fase de escolha e de decisão vocacional. Ideais antes abstratos tendem a ser substituídos por um ideal concebido de forma singular e concreta.

Desta forma, pode-se compreender que esta fase do desenvolvimento humano é marcada por uma série de mudanças entre mente e corpo, perdas e ganhos que marcam a vida do adolescente de maneira significativa. Visto isso, entende-se que esse é o momento de suma importância no qual o ser humano tem a necessidade e o direito de ser acompanhado, tendo as suas necessidades básicas atendidas de forma que promovam a sua saúde e o seu bem-estar.

Para proteger o público infanto-juvenil, no Brasil, há exatamente 32 anos, foram escritos e sistematizados os direitos desta faixa etária, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, que regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), definindo as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção, integral e prioritária por parte da família, da sociedade e do Estado. destacam-se, aqui, os cinco direitos fundamentais da criança e do adolescente descritos pelo Estatuto, são eles: a) Direito à vida e à saúde; b) Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; c) Direito à convivência familiar e comunitária; d) Direito à educação, cultura e ao lazer; e) Direito à profissionalização e à proteção no trabalho (BRASIL, 1990).

Em consonância com essa perspectiva da relevância, de prover as crianças e os adolescentes daquilo que é necessário para o seu desenvolvimento saudável, Carvalho (2021) enfatiza que a pessoa, desde a sua mais tenra idade, deve ser compreendida como um ser em busca de sentido:

Para que haja uma saudável estruturação e desenvolvimento da personalidade, é fundamental que desde o princípio da vida se ofereça à criança tanto aquilo que satisfará suas necessidades biológicas e psicológicas, próprias de cada idade, como também o que poderá saciar, a cada momento, sua sede de sentido, inerente ao ser humano. Esta nunca se esgota e dinamiza todo o processo de formação e transformação da personalidade ao longo da vida (CARVALHO, 2021, p. 32).

O adolescente, ainda que esteja em uma fase mais avançada do desenvolvimento em comparação à criança, o que lhe permite ter maior liberdade, tem ainda extrema necessidade de

ser acompanhado de forma atenta, amorosa, orientadora e responsável por seus cuidadores. O fenômeno que vem sendo sinalizado por diversos autores da Psicologia do Desenvolvimento, como prolongamento da fase da adolescência nos tempos contemporâneos, indica o quanto é necessário que os seus pais recebam suporte apropriado para melhor desempenharem as suas funções parentais. Esse assunto será discutido no decorrer do trabalho.

3 FAMÍLIA NA ABORDAGEM LOGOTERAPÊUTICA

Para melhor compreender os temas da parentalidade e orientação parental, e como os aportes da Logoterapia e Análise Existencial contribuem nesse contexto, faz-se necessário elucidar como a família é compreendida nesta abordagem. De acordo com Lukas (1990, 1992), pode-se considerar a família como sendo a origem de toda vida humana, pois ela se constitui como o centro da vida. Entretanto, têm-se experimentado, na contemporaneidade, os impactos negativos da fragmentação e descentralização da família.

Pais e mães pensam em divórcio, crianças são educadas pela televisão, os adolescentes saem de casa de maneira prematura, os parentes se afastam uns dos outros, os idosos são colocados em asilos. Pode-se dizer que se trata de uma descrição exagerada, porém, não fictícia dessa fragmentação e descentralização, que vem sendo um processo crescente que ameaça a família a cada dia. Ameaça essa que vai além dos míssis inimigos, pois dificilmente na história uma cultura acabou em razão de seus inimigos externos; essa decadência quase sempre começou de maneira interna. Nesta perspectiva, a autora traz um alerta à comunidade familiar que está precisando ser reavivada: reconhecer os seus valores, experienciar o seu sentido existencial novamente.

Nesse sentido, faz-se necessário mudar a maneira de pensar, pois a família precisa começar a pensar e agir não apenas de forma causal, mas também intencional. De maneira resumida, o pensamento causal, propagado pela Psicologia Dinâmica, busca as causas para aquilo que é; já o pensamento intencional, defendido a partir da Logoterapia e Análise Existencial de Frankl, busca a causa para aquilo que deveria ser. Destarte, a intencionalidade busca um objetivo, um sentido, um fim, visa aquilo que transforma a situação atual (LUKAS, 1990).

A solução dos problemas, ocasionalmente, não está no conhecimento das causas, e sim em entender que, às vezes, pode ser melhor aceitar as coisas como elas são, buscando extrair o melhor delas. A família é mais do que a soma dos seus membros, pois, como diziam os patriarcas filósofos, o todo é melhor que a soma das partes. A família é o centro gravitacional do amor; é onde as pessoas sentem-se atraídas de maneira recíproca pela alegria e tristeza, onde se fornece amparo, acolhimento, apoio e incentivo, se alimentando e acompanhando desde o nascimento até a morte (LUKAS, 1990).

Para garantir o desenvolvimento desse centro gravitacional, precisa-se agir, mais uma vez, de maneira intencional, em que cada membro da família deve dispor-se de um objetivo comum, que tenha sentido para combater as eventuais adversidades. Para que o grupo familiar não seja dissolvido, não basta apenas revelar o que está oculto, mas é preciso tornar evidente aquilo que transcende, aquilo que une os membros com responsabilidade recíproca (LUKAS, 1990).

Nesse contexto atual, marcado pela ameaça de rompimentos familiares, exercer as funções maternas e paternas fica cada vez mais difícil, pois na *internet* pode-se encontrar com facilidade várias dicas de como ser pai ou mãe na atualidade, com abordagens diferentes e diversas opiniões. A sociedade mudou. Esta geração atual reivindica transformações na forma de sentir, agir e pensar; é necessário expandir seus horizontes, supõe que tudo pode, que tem que ser é preciso ultrapassar limites, quebrar os esquemas; um tempo de luta pelos direitos

humanos, um tempo de revelar tudo o que era oculto, tempo de se quebrar os tabus. É um tempo onde tudo é questionado do convencional, do velho, do radical, do convencional. Dessa forma, como não se perder? (MARTINEZ SÁNCHEZ, 2022).

Nos tempos atuais, a maneira de se educar os filhos e viver em família tem mudado muito. Um ponto importante a ser considerado é o acesso de crianças e adolescentes à informação e à tecnologia, e isso tem provocado mudanças no comportamento dos filhos e na maneira dos pais de educá-los. Algo que poderia trazer benefícios para dinâmica familiar acaba sendo um ponto de partida para conflitos entre pais e filhos, gerando desgastes entre os seus membros, onde os pais perdem a autoridade sobre os filhos, havendo, portanto, perda dos papéis dentro da família, ocasionando atritos, e os valores familiares vão se perdendo.

As diferenças entre gerações de pais e filhos sempre foi um fator desencadeador de discussões e possíveis conflitos, uma vez que essa relação está intimamente ligada às mudanças socioculturais e da sociedade de forma geral. Os pais correspondem, hoje, ao que os especialistas chamam de “geração X”, e os seus filhos os *millennials* (geração Y), os jovens apresentam-se para construir e transformar novas formas de relacionamentos e comunicação, onde as redes sociais e a mídia fazem parte da própria vida não apenas mais um meio de comunicação, promovendo outras formas de se relacionar e viver. As crianças e os adolescentes de hoje, as chamadas gerações “alfa” e “Z”, as novas gerações, os desafios maiores estão agora com a nova geração, pois as grandes mudanças serão protagonizadas por eles. A tarefa da sociedade e o desafio dos pais é acompanhar essas gerações, para que eles possam realizar a sua tarefa na transformação de modelos e esquemas, sugerindo novos, juntos, sem divergências ou conflitos (MARTINEZ SÁNCHEZ, 2022).

A autora assegura, ainda, que é desafiador conciliar as gerações, a fim de promover conversas entre elas para que se recuperem os valores de um. Na educação atual, é essencial que haja esse diálogo (avós, pais e filhos), para que se possa resgatar o que é fundamentalmente humano, propondo novas maneiras de educação e transformação pessoal. Essa é a resposta para se evitar situações extremas, pois aqui importa o que é o atual, o comum, o que é flexível, e o que é rígido, é liberdade e limite, e regulação e expressão, é gritaria e silêncio.

Segundo Lukas (1990), não existe significado para a família inteira enquanto grupo, porém, cada membro da família tem um significado incluindo o sentido do relacionamento que existe entre ambos. Considerando, ainda, que uma família saudável é aquela onde todos os membros exercem uma função significativa, e, assim, as famílias não têm atritos, nem distanciamentos funcionais. E como a própria vida, cada membro da família tem uma função a ser realizada de maneira tal, que os relacionamentos familiares sejam significativos.

Uma família saudável é aquela a qual cada membro tem o seu papel definido a ser exercido de maneira consciente, ainda que possam haver mudanças ao longo do tempo. Embora seja difícil manter essa função em um momento de “crise” (um novo filho, morte, velhice, desemprego, doença), poderão ocorrer mudanças que exijam modificações nesses papéis. Algum membro pode ser chamado a assumir mais responsabilidade, ou mesmo a perda de alguns privilégios (FABRY, 1990).

Resumindo, podemos ampliar e complementar as regras logoterapêuticas básicas para a família da seguinte maneira: 1ª regra a suportabilidade da vida está ligada a percepção de sentido. Validade para a família: A percepção de sentido para a família é constituída do reconhecimento que cada um precisa do outro, e que cada um é necessário para o outro. Sem esse reconhecimento, a família torna-se desprovida de sentido e, conseqüentemente insuportável. 2ª regra: a percepção de sentido, não está ligada a condições externas favoráveis da vida. Validade para a família: a felicidade para a família é independente de condições externas da vida. Somente a orientação pelo sentido da atitude

interior, diante de condições de vida externas decide sobre a satisfação na família. 3ª regra: a percepção de sentido não está ligada a uma vida harmoniosa no passado. Validade para a família: a evolução de uma família não é predeterminada pela sua história. Somente as ações presentes dos membros da família, orientadas pelo sentido, decidem sobre o futuro da família (LUKAS, 1992, p. 90-91).

Assim, os indivíduos, parte da família são orientados através da Logoterapia, a perceberem as suas atitudes irrealis e contraditórias ou negativas. Almeja-se que o relacionamento e a harmonia familiar venham a desenvolver uma nova perspectiva que pode ser uma base para uma vida significativa e plena, produzindo o melhor possível para si, sem esquecer do coletivo: a família. Os pais, como principais adultos de referência no contexto familiar mais imediato, têm responsabilidades específicas, que quando são bem exercidas, contribuem sobremaneira para o desenvolvimento saudável dos filhos. Esse tema será discutido na seção seguinte.

4 PARENTALIDADE COM SENTIDO

A paternidade é, talvez, a tarefa mais desafiadora da vida adulta, e os pais são uma das influências mais importantes na vida de seus filhos. Cruz (2005) traz como conceito de parentalidade o “[...] conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade”. (CRUZ, 2005, p. 13).

A relação de pais e filhos é cercada de muitos desafios, desde a gravidez, a gestação, a escolha do nome do bebê, como será o parto, enfim, uma enxurrada de dúvidas começam a surgir. E a parentalidade não é diferente: Qual será a educação que daremos ao nosso filho? Existe uma forma correta de educar ou orientar um filho? O que eu devo fazer para ajudar no desenvolvimento saudável do meu filho?

É fundamental e essencialmente do ser humano, a compreensão de estar no mundo, mais direcionado para algo ou alguém, ou seja, para aquilo que o transcende. O que o condiciona, não o determina. Essa realidade própria do homem está enraizada na sua liberdade, que não é uma liberdade “de” condicionamentos, e sim a liberdade “para” se posicionar diante deles. Neste sentido, o ser humano é livre, e muito embora sendo uma liberdade situada, ele tem responsabilidade de assumir as consequências de seus atos e das suas escolhas (FRANKL, 1997).

Deste modo, pode-se dizer que a partir do nascimento do filho, os pais precisam aceitar a parentalidade de forma livre e responsável, e buscar meios que os ajudem a percorrer este caminho, percurso esse que pode ser percorrido na sua vida através da realização dos valores. Frankl (2011) aborda os valores por meio de três categorias: valores criativos, ou seja, o que se pode criar através do trabalho, ou praticando uma ação; valores vivenciais ou de experiência, vivenciando algo belo ou encontrando alguém; valores atitudinais ou valores de atitude, realizados através da escolha que o indivíduo faz perante o sofrimento inevitável. Porém, diante dele, está a realidade que está permeada de valores objetivos, esses que não são fabricados pelo ser humano, e sim encontrados (FRANKL, 2011).

Os valores podem atuar como guias de autorreflexão e comportamento, fazendo com que os indivíduos prefiram determinados objetivos ou caminhos em detrimento de outros. Esse caminho pode ser feito com ajuda do orientador ou logoterapeuta através do diálogo socrático,

que é uma técnica específica da Logoterapia, possibilitando aos pais, e até mesmo ao adolescente, ver outras possibilidades diante das dificuldades que a vida apresenta, buscando transcender as possíveis situações de conflito.

Questões acerca dos padrões de comportamento dos pais, e o que eles podem provocar nos filhos, têm sido estudados há décadas por pesquisadores. Diana Baumrind (1966) propôs um modelo que vem sendo utilizado de maneira ampla até os dias de hoje. A autora define os estilos parentais como um conjunto de práticas e atitudes dos pais em relação aos filhos que caracterizam o relacionamento entre eles. Esta pondera, de maneira paralela, aspectos comportamentais e emocionais da parentalidade. As crenças e os valores parentais acrescidos da natureza da criança indicam o estilo parental.

A autora nomeou três estilos parentais: Autoritário, Indulgente e Autoritativo (BAUMRIND, 1966). Os pesquisadores Maccoby e Martin (1983) incluíram, mais tarde, um quarto estilo parental: o Negligente. Os estilos parentais autoritário, negligente, autoritativo e indulgente, possuem características bem distintas, que podem ajudar tanto os pais, familiares, e cuidadores como os profissionais, descritos a seguir:

- Autoritário: se utiliza da obediência e do controle para educar, aplicando regras inflexíveis, e não levando em consideração os sentimentos, as emoções e o ponto de vista dos filhos, pouco afeto, diminuindo, assim, o vínculo com o filho. A prática desse estilo pode trazer consequências negativas para o desenvolvimento saudável do filho, como: baixa autoestima e pouca autonomia;

- Indulgente: é carregado de afeto, diferentemente do estilo autoritário, porém, tem pouco limite e quase nenhuma exigência, em que os próprios filhos determinam as regras da casa. Os pais têm medo de impor limites e dizer não aos filhos, e não serem amados por eles. A consequência negativa desse estilo são filhos sem empatia e pouca capacidade de lidar com a frustração;

- Negligente: caracteriza-se por falta de afeto e limites, falta de regras e sem vínculos com os filhos. Não exercem a função de pais, educadores, de exemplo para os filhos. Se autodenominam muitos “atarefados”, a ponto de não terem tempo para lidar com a educação dos filhos. Têm dificuldades em exercer a parentalidade, pois sentem-se inseguros. Pesquisas apontam que esse é o estilo parental que pode trazer mais consequências negativas para os filhos, como: falta de habilidades sociais, desempenho escolar abaixo do esperado, baixa afetividade, dentre outras;

- Autoritativo: neste estilo, a coerência e a constância são o ponto forte, pois neste estilo de parentalidade há limites e regras bem estabelecidos, porém, elas são respeitadas e claras, levando em consideração o lado dos filhos, seus sentimentos e suas opiniões. O vínculo afetivo com os filhos é construído de forma intencional, a fim de se estabelecer uma relação segura. Desta forma, os filhos se sentem amados, cuidados e seguros, compreendem qual é o seu papel na dinâmica familiar, tornando-se mais cooperativos e engajados no seu processo de desenvolvimento e seu bem-estar, e compreendem a responsabilidade e as consequências dos comportamentos de ambos. Esse estilo parental demonstra um equilíbrio entre amor e limite, que são características fundamentais para o exercício de uma parentalidade saudável (BAUMRIND, 1966).

A classificação dos estilos parentais ajuda pais, mães e cuidadores a entenderem o relacionamento com os seus filhos, propondo mudanças e adequações, quando necessário. Observa-se que o suporte e interação dos adultos responsáveis pelas crianças e adolescentes proporcionam a eles melhores formas de lidar com o estresse e as situações do dia a dia. Estilos e teorias podem ajudar pais de “primeira viagem”, e/ou aqueles que se encontram perdidos.

O orientador parental tem como uma de suas atribuições indicar aos pais recursos que promovam o autoconhecimento e identificação de estar exercendo a sua parentalidade, como

eles se reconhecem no momento, e como eles gostariam de se tornar enquanto pais. Sobre esse percurso que os pais e cuidadores fazem juntamente com o orientador parental, a fim de exercerem uma parentalidade com sentido, é o foco do próximo tópico.

5 ORIENTAÇÃO PARENTAL CENTRADA NO SENTIDO

O sonho de gerar filhos permeia a vida de homens e mulheres, e uma vez realizado, surgem as dúvidas, anseios e incertezas sobre a criação, o desenvolvimento e o futuro do ser. Ademais, a adolescência traz seus os desafios. A relação entre pais e adolescentes pode ser permeada por conflitos típicos desta fase, onde os filhos buscam autonomia e desenvolver-se, também através dos amigos e da *internet*, que nem sempre são os melhores conselheiros. Nenhum pai ou mãe nasce pronto, pois esta relação é construída no dia a dia.

A orientação parental vem, neste sentido, como bússola, guiando pais e adolescentes a avaliarem e encontrarem a melhor forma de conviver juntos, respeitando as individualidades sem abrir mão das responsabilidades. Os fundamentos logoterapêuticos podem auxiliar bastante em intervenções dessa natureza, uma vez que consideram a pessoa de forma integral, física, psicológica e espiritualmente, possibilitando a busca pelo sentido mais profundo de sua existência.

Nos dias de hoje somos marcados pelas consequências da globalização, avanço das mídias, redes sociais e tecnologia, crise econômica, social e política, ascensão do que o Dr. Viktor Frankl chamou de “tríade neurótica de massa”: agressão, depressão e vícios. Estes dentre outros fatores, demandam que a formação e o preparo para o acompanhamento das crianças e adolescentes seja uma tarefa fundamentalmente autêntica, que exige maior responsabilidade, consciência, e interesse por parte dos profissionais de educação, pais e tutores. Senso assim, a parentalidade com sentido busca garantir a formação de pessoas autônomas, livres e responsáveis para a tomada de decisões coerentes, conscientes com projeto de vida familiar e pessoal, com sentido e transcendente. Sendo assim, a parentalidade com sentido nada mais é que assumir com responsabilidade o cuidado dos filhos, assumindo o papel de educador, orientador, ou seja, desempenhar bem a função que lhe é exigida (MARTINEZ SÁNCHEZ, 2022).

O aconselhamento e atendimento aos pais para uma educação mais efetiva já eram realizados por psicólogos, neurocientistas, educadores e médicos, porém, não existia um nome específico que contemplasse essa função. O movimento de educação parental surgiu através de pessoas isoladas, fazendo os seus estudos em meados dos anos 2000, mas a nomenclatura passou a ser adotada por volta de 2010 (FERREIRA; WILLER, 2020).

A educação parental ou orientação parental, que independentemente da nomenclatura tem o mesmo sentido, é o trabalho de orientar e dar suporte à família na resolução de conflitos ou dilemas que os filhos possam estar atravessando, sempre dando prioridade ao bem-estar e desenvolvimento saudável deles. É necessário educar, na sua totalidade, com valores, atitudes e responsabilidades. É preparar o adolescente para a vida com recursos internos suficientemente capazes de ajudá-lo a construir a sua própria identidade.

No Brasil, um dos modelos mais conhecidos e desenvolvidos para a orientação parental, é a Disciplina Positiva – uma educação respeitosa, não punitiva, nem permissiva. Esse modelo foi desenvolvido pela psicóloga estadunidense Jane Nelsen, que publicou o livro *Positive Discipline*, no ano de 1981. É uma das pioneiras da educação parental propriamente dita, mas é Bete Rodrigues a responsável pela cotradução para o português de diversos livros sobre a Disciplina Positiva, da autora Jane Nelsen e especialistas como Linn Lott, tendo, assim, um importante papel na disseminação dessa abordagem socioemocional no Brasil (FERREIRA;

WILLER, 2020).

A orientação parental, no campo da Psicologia, visa orientar o convívio entre pais e filhos, auxiliando no desenvolvimento da criança em um adulto mais responsável, capaz de lidar com as situações que enfrentará na sua vida futura. Este tipo de intervenção pode ser realizado em diferentes contextos, como: clínico, educacional, centros comunitários, entidades religiosas que ofereçam serviços de aconselhamento e orientação parental. Vale ressaltar que o profissional precisa ser capacitado para o manejo adequado da função.

A tarefa do orientador parental, na perspectiva logoterapêutica, é ampliar um horizonte de possibilidades para que os pais e o adolescente, juntos como família, possam enxergar para além das dificuldades que eles enfrentam no momento. E, ali, no ambiente familiar, eles possam, juntos, fazer as suas próprias escolhas diante do material da sua história e das narrativas que cada um traz, buscando, através de diálogos, dar espaço para que cada membro da família possa falar livremente sobre as suas angústias, dúvidas, medos e inseguranças de sem serem julgados ou punidos. O papel do orientador é construir essa ponte entre pais e filhos a partir dos valores, de forma que cada um assuma a sua vida como tarefa, como uma missão a ser realizada.

O logoterapeuta não é nem um moralista nem um intelectual. Seu trabalho se baseia em análises empíricas, isso é, fenomenológicas, e uma análise fenomenológica da experiência valorativa do homem simples nos mostra que se pode encontrar sentido na vida, preponderadamente, no dedicar-se a criação de uma “obra”, de uma boa ação; ou na experiência da bondade, da verdade, da beleza, natureza e na cultura; ou, por último, mas não menos importante no encontro de outro ser humano, em sua genuína unicidade – em outras palavras, no amor a outro ser humano (FRANKL, 2021, p. 90).

A única maneira de apreender o outro ser humano na profundidade de sua personalidade é através o amor. Se não amar ninguém, não pode ter a plena consciência da essência do outro ser humano. Só se consegue ver os traços essenciais da pessoa amada através do ato espiritual do amor. É por intermédio do amor que a pessoa que ama permite que o amado manifeste as suas potencialidades, ao torná-lo consciente do que ele pode vir a ser e do que ele pode se tornar. O fenômeno do amor é baseado em duas atitudes básicas: elogio e confiança. Acreditar é ver o bem e reconhecer o íntimo, é olhar o mundo com os olhos da bondade, o olhar o bem de cada pessoa (MARTINEZ SÁNCHEZ, 2022).

Os escritos de Frankl, bem como os pensamentos de Elisabeth Lukas (1990) e Martinez Sánchez (2022), convergem na ideia de que a força mobilizadora na relação entre pais, filhos e família é o amor. O amor é um fenômeno tipicamente humano, é uma expressão da autotranscendência. Deste modo, conclui-se que a via régia para uma parentalidade com sentido é o amor, é essa atitude dos pais e cuidadores em lançar o olhar para além de si mesmos, e se dedicarem aos seus filhos de forma integral, exercendo, desta forma, uma parentalidade autêntica e cheia de sentido.

Segundo Frankl (2016, p. 234), em sua obra *Teoria e Terapia das Neuroses: Introdução à logoterapia e à análise existencial*, “A autotranscendência como característica humana básica fundamental faz parte da sua estrutura, sempre apontando para algo além dele mesmo, para fora de si, e à medida que o ser humano transcende ele se torna realmente humano, é desta forma que ele se realiza”.

A parentalidade com sentido é uma oportunidade de viver de modo autotranscendente, na dedicação amorosa ao acompanhamento dos filhos. Uma orientação parental de base logoterapêutica, deve se fundamentar nessa concepção do ser humano autotranscendente, que se realiza na descoberta e concretização do sentido de sua vida.

A intervenção deve proporcionar aos orientandos a compreensão do amor como um fenômeno humano, que não deve ser confundido com o mero prazer ou satisfação individual e egocêntrica. Deve contribuir na conscientização de cada um acerca de si mesmo, de suas responsabilidades e espaço de liberdade para escolhas com sentido, ou seja, reconhecer o seu estilo parental, as dificuldades e potencialidades na concretização do sentido de ser pai ou mãe. Também, deve encorajar pais e filhos a se engajarem na realização de valores e de sentidos comuns no cotidiano, fortalecendo o senso de comunidade.

Diversos recursos podem ser utilizados: biblioterapia, filmes com temáticas a respeito das relações familiares e formação de vínculos afetivos respeitosos, e recursos terapêuticos, como: jogos, baralhos, questionários, dentre outros.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho trouxe as contribuições da Logoterapia e da Análise Existencial para a orientação parental. Inicialmente discutiu-se sobre a adolescência e a família na ótica logoterapêutica. Posteriormente, discutiu-se sobre a relevância da parentalidade e orientação parental no contexto atual, para em seguida se debruçar na busca de identificação de aspectos teórico-metodológicos propostos pela Logoterapia e Análise Existencial, que podem contribuir para a intervenção nesse campo de atuação junto a pais de adolescentes.

Para Viktor Frankl, em todas as circunstâncias, pode-se encontrar sentido, seja na felicidade ou em momentos difíceis e dolorosos. O fato de encontrar sentido faz com que o ser humano encare os problemas, desafios que lhe são impostos, e busque estratégias para transformar ou se posicionar diante das situações que não lhe são favoráveis. Assim, no contexto de aconselhamento e orientação parental, a Logoterapia auxilia na compreensão do ser que se redescobre, se encontra e busca o seu sentido na vida, alinhando este sentido aos seus projetos futuros.

Deste modo, pode-se considerar que os objetivos do presente trabalho foram alcançados, uma vez que a Logoterapia e Análise Existencial trazem importantes e significativas contribuições à orientação parental na adolescência, sendo essa fase do desenvolvimento humano, em geral, um período desafiador para a família. Sendo assim, uma orientação parental de base logoterapêutica deve se fundamentar, primariamente, na capacidade humana de autotranscender.

Entendem-se os limites deste trabalho, por ser um estudo bibliográfico que não esgotou todas as possíveis fontes de pesquisa, podendo ser ampliado posteriormente. Como desdobramentos, propõe-se que novos estudos sejam realizados sobre o tema, relacionando os fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial com a orientação parental, inclusive pesquisas empíricas, que busquem identificar como os logoterapeutas têm trabalhado neste âmbito, quais são as suas concepções sobre esse tipo de intervenção, quais metodologias têm sido utilizadas, dentre outras questões. Propõe-se, ainda, que sejam estruturados programas de orientação parental em contextos diversos, para populações específicas, com base na Logoterapia e Análise Existencial, que conforme foi constatado, muito pode enriquecer esse campo de atuação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Sentido da vida e valores no contexto da educação: uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl/Thiago A. Avellar de Aquino.** Ed. Paulinas. São Paulo. (Coleção ética e valores), 2015.

BAUMRIND, Diana. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child development**, p. 887-907, 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1126611>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 6 fev. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 6 fev. 2023.

BRUZZONE, Daniele. **Afinar la consciência**. Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor Frankl. 1ª ed. Buenos Aires: San Pablo, 2011.

CARVALHO, Tatiana Oliveira de. Compreendendo o desenvolvimento humano a partir da visão antropológica de Viktor Frankl. *In*: RENNÓ, Ana Paula Zeferino; CARVALHO, Tatiana Oliveira de. **A Luz de Luana**. São Luís: Instituto Geist, 2021. p. 31-44.

CRUZ, Orlanda. **Parentalidade**. Coimbra: Quarteto, 2005.

FABRY, Joseph. **Aplicações práticas da logoterapia**. São Paulo: ECE, 1990.

FERREIRA, Catarina; WILLER, Gabriela. Educar-se para educar: conheça a história da educação parental. **Canguru News**, 2020. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/educacao-parental/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade do sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido [livro eletrônico]**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Logoterapia.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 1**: Vida pré-natal, Etapas da infância. tradução de Vera Vaccari. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 2**: adolescência, vida adulta, velhice. Maria Cristina Griffa, José Eduardo Moreno: tradução de Vera Vaccari. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

LUKAS, Elisabeth. **Mentalização e saúde**. São Paulo: Vozes, 1990.

LUKAS, Elisabeth. **Assistência logoterapêutica: Transição para uma psicologia humanizada.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

MACCOBY, Eleanor E.; MARTIN, John A. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. *In*: MACCOBY, Eleanor E.; MARTIN, John A.; HETHERINGTON, E. Mavis. **Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development.** 4ª ed., New York, Wiley, 1983. p. 1-101.

SÁNCHEZ MARTINEZ, Clara. **Caminos para una crianza con sentido: Educando desde la coherencia.** 1 ed. Instituto Misionero Hijas de San Pablo, 2022.

SIMÕES, Raisia Fernandes Mariz; CARVALHO, Tatiana Oliveira de; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. Infância e adolescência na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial: uma proposta teórica e prática. *In*: SIMÕES, Raisia Fernandes Mariz; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. (Org.). **Logoterapia com crianças e adolescentes: teoria e prática.** BeloHorizonte: Artesã, 2022. p. 14-19.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço a Deus, que é minha fonte inesgotável de amor, inspiração e cuidado, pois sem Ele eu não teria chegado até aqui, EBENÉZER!

Agradeço também à minha família que está sempre ao meu lado, em especial ao meu marido Antonilson e às minhas filhas Beatriz e Júlia, presentes que Deus me deu.

À minha orientadora Tatiana Carvalho, que desde o início deste projeto acreditou, se dedicou e me deu suporte para desbravar este caminho, muito obrigada.

Às minhas companheiras de jornada que a Logoterapia uniu, aos colegas da segunda turma da Especialização em Logoterapia e Saúde da família, e ao CEPELOGI na pessoa do professor Gilvan Melo, meus mais sinceros agradecimentos